

Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Letters to my grandmother: black feminism and structural racism in a narrative of resistance and overcoming of black Brazilian women

Elizangela Aparecida de Oliveira¹

Resumo: Este artigo busca analisar, através da obra de Djamila Ribeiro: *Cartas para minha avó*, a trajetória de vida da protagonista com o objetivo de identificar aspectos representativos do feminismo negro e o racismo estrutural que intersecciona as questões da mulher e questões raciais. O percurso parte da importância da literatura afro-brasileira como objeto de resistência, e fazer ouvir, abordando também sobre identidade, racismo estrutural e feminismo negro, características da escrita da mulher negra e seu protagonismo conquistando seu espaço na literatura. Busca-se nessa trajetória um sentido para a sua existência e o prazer da (re)descoberta de uma mulher segura de si e mais forte. As perspectivas teóricas que permeiam o estudo são: Almeida (2018), Evaristo (2008), Hall (2007), Gonzales (1982), entre outros.

Palavras-Chave: Feminismo Negro. Racismo Estrutural. Literatura Afro-brasileira. Escrivivência. Djamila Ribeiro.

Abstract: This article seeks to analyze, through the work of Djamila Ribeiro: *Cartas para minha avó*, the life trajectory of the protagonist in order to identify representative aspects of black feminism and the structural racism that intersect women's issues and racial issues. The route starts from the importance of Afro-Brazilian literature as an object of resistance, and making it heard, also addressing identity, structural racism and black feminism, characteristics of black women's writing and their protagonism conquering their space in literature. This trajectory seeks a meaning for her existence and the pleasure of (re)discovery of a self-assured and stronger woman. The theoretical perspectives that permeate the study are: Almeida (2018), Evaristo (2008), Hall (2007), Gonzales (1982), among others.

Keywords: Black Feminism; Structural Racism; Afro-Brazilian Literature; write experiences: Djamila Ribeiro.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Professora na Rede Municipal, Lotada atualmente na Escola Municipal de Educação Infantil Criança Esperança, Município de Colider-MT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6081-9179> - E-mail: elizangela.oliveira1@unemat.br.



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

Introdução

A obra *Cartas para minha avó*, da filósofa Djamila Ribeiro, traz em sua narrativa uma escrita repleta de escrevivências, termo esse utilizado pela autora em outros momentos, para denominar escrever vivências. Djamila Thaís Ribeiro dos Santos, professora, escritora, filósofa e ativista social vem se destacando por meio da literatura contemporânea, considerada uma importante voz em defesa dos negros e das mulheres, utilizando-se da arte literária para denunciar a violência e desigualdade social, principalmente contra negros e mulheres. Nesse contexto, na obra *Cartas para minha avó*, ao revisitar seu passado na escrita em forma de cartas endereçadas a sua avó, apresenta reflexões e vivências marcadas pelo racismo estrutural ainda presente na sociedade contemporânea, expondo relatos desde a sua infância ou aqueles contados pela mãe e avó. Uma narrativa que provoca uma análise de como é difícil criar filhas negras numa sociedade racista, enfrentando situações de discriminação, agressões e humilhação que a mulher negra sofreu e ainda sofre atualmente.

O Brasil é um país que carrega em sua história marcas do racismo colonial, uma sociedade com ideologias, costumes e culturas múltiplas, em que por muito tempo o lugar da mulher na sociedade ficou restrito a serviços cotidianos e domésticos. No setor literário, a mulher também não conseguia espaço para expor seus trabalhos e produções, mais tarde ainda, falando em mulheres negras. Nesse sentido, observamos que ao longo do tempo esse cenário vem mudando. Na segunda metade do século XIX, mulheres escritoras e no setor jornalístico e/ou engajadas politicamente começaram a iniciar essa conquista de espaço cultural mesmo que de forma tímida, sem repercussão nacional.

Maria Firmina dos Reis, escritora de *Úrsula* (1850), considerado o primeiro romance de uma autora brasileira, professora, oriunda de família humilde e em 1880 escandalizou uma pequena cidade do Maranhão propondo uma sala de aula mista, de meninos e meninas. Narcisa Amália de Oliveira Campos, autora de poemas publicados em 1872, também professora, mas no estado do Rio de Janeiro, foi muito criticada por defender ideias democráticas e liberais. As duas escritoras são expressões desse



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

momento e o início das mulheres em busca de conquistar seus espaços e serem valorizadas.

Mesmo que o contexto social seja de não aceitação da diversidade, insistindo em apagar ou escamotear a história e os direitos de sujeitos legítimos e amparados por leis, as mulheres vêm conquistando seu espaço e sendo cada vez mais visíveis, em diversas áreas, da sociedade.

Com efeito, mulheres pretas desejam cada vez mais voltar o olhar sobre si, contar sua própria história, na busca de recriar e (re)significar suas imagens, viver plenamente como cidadãs, senhoras de suas vidas e suas histórias, com vozes que narram, que falam e agem com o conhecimento de quem vivenciou a exploração, o preconceito e a desumanidade colonial.

Dessa forma, o foco dessa pesquisa é analisar, por meio da obra de Djamilia Ribeiro: *Cartas para minha avó*, a trajetória de vida da protagonista com o objetivo de identificar aspectos representativos do feminismo negro e o racismo estrutural que interseccionam as questões da mulher e as questões raciais. Observar na trajetória vivenciada por gerações de mulheres negras e o movimento feito para (re)constituir-se como mulher negra, que busca seu lugar na sociedade, que fala por si e pelos seus, a partir da memória, que fortalece a identidade da mulher afro-brasileira, assim como trazer à tona o feminismo negro e o racismo estrutural representados por meio da obra.

Este artigo está dividido em três partes. A primeira aborda a literatura afro-brasileira como objeto de resistência, a partir da subjetividade de escritoras(es) que abordam as suas vivências ou teorias, suas vozes de outros lugares de enunciação, para serem ouvidas do ponto de vista da mulher negra. Assim, elaboram seus textos literários em diálogo com aspectos das culturas e tradições afro-brasileiras. Mulheres que enfrentam o preconceito, seja ele racista, de gênero, ou de qualquer natureza, com o objetivo de se afirmarem como sujeitos de direito, donas de seus corpos e suas escolhas.

Na segunda parte, o assunto se refere às identidades que as mulheres negras apresentadas na narrativa vão construindo na medida em que a protagonista expõe momentos da sua vida e de suas ancestrais. Dessa forma, percebe-se uma continuidade



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

nas gerações em relação aos seus costumes, sentimentos, comportamentos e a história de luta e resistência de suas ancestrais e constroem uma nova trajetória. Dentre os diversos aspectos que o romance epistolar evidencia, estão os movimentos sociais que unem e fortalecem as mulheres como sujeitos femininos de direito, a partir do contexto trazido pelas relações familiares, as questões de raça, as tradições, religiosas afro-brasileiras, os diálogos com o período escravista e seus reflexos.

E por fim, aborda o protagonismo e o orgulho da mulher negra como agentes centrais na construção da sua história, suas vitórias, frente aos desafios e obstáculos, fazendo destaque ao feminismo negro no Brasil. Por meio da trajetória de vida de uma mulher negra ser capaz de viajar nos caminhos da memória, dar voz aos seus ancestrais que almejavam muito antes um futuro com melhores condições para si e para as próximas gerações de mulheres negras. Elas que têm buscado dar resposta aos desafios da atualidade, reivindicando direitos e segurança para seus pares, entendendo o racismo como um problema sistêmico e estrutural que deve ser combatido em espaços de resistência, de modo que façam o enfrentamento a todo tipo de violência e de dificuldades que venham travar o acesso às políticas públicas para as minorias.

Nesse caso, torna-se fundamental refletir sobre a importância da literatura negra como uma ferramenta que fortalece o sentimento de pertencimento étnico. Trata-se de conquistar cada vez mais espaço no cânone literário brasileiro, de forma que venha a contribuir para a crescente produção e inclusão das literaturas minoritárias nos espaços culturais e sociais.

Literatura afro-brasileira como objeto de resistência

A literatura afro-brasileira ou literatura negra representa a inclusão do olhar do escritor/a negro/a na arte literária e no mercado editorial, conquistando cada vez mais espaços entre os grandes leitores, além disso, representa a defesa por igualdade racial e a valorização das manifestações de matriz africana. Essa expressão literária surge no Brasil na década de 1940 com articulação de movimentos como o *Teatro Experimental do Negro*, a partir de então a produção de autores negros foi se destacando,



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

posicionando-se politicamente até o amadurecimento de uma geração inteira de autores produzindo. Quais são as características? A escritora Conceição Evaristo, em uma entrevista para o *Canal Futura*, define literatura negra como com uma escrita diferenciada, devido a sua vivência, a escrita que vaza uma subjetividade, por isso se diferencia das demais escritas, considerado como um ato de resistência, e no caso das mulheres negras, buscam marcar ou explicitar uma trajetória histórica da comunidade afro-diaspórica que a história como ciência despreza, em síntese, essa escrita é um ato de resistência e um ato de fundação como sujeito na nacionalidade brasileira.

A escrita literária de autoria negra tem característica própria, que parte de um lugar, uma vivência, considerando a ancestralidade. São construídas as narrativas, que trazem o posicionamento do sujeito negro em se colocar no mundo, a maneira de interpretar as coisas, suas perspectivas, um fenômeno da diáspora negra. Para os escritores, o desafio é tecer a humanidade a partir de uma experiência negra.

Angela Davis, por exemplo, enfrentou um sistema capitalista, machista e patriarcal escrevendo sua história. Mesmo sendo publicado a mais de 43 anos, seu conteúdo ainda permanece atual, o tema opressão e seu sistema interligado (raça, gênero e classe), percebido pelo olhar da mulher negra. Gerando grandes discussões na contemporaneidade, Davis traz inquietações necessárias para que o conformismo dê lugar a uma nova utopia.

Se, e quando alguém conseguir acabar, do ponto de vista histórico, com os mal entendidos sobre as experiências das mulheres negras escravizadas, ela (ou ele) terá prestado um serviço inestimável. Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista trarão esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca de emancipação (Davis, 2016, p. 17).

Quando falamos de resistência na literatura, é bem possível nos lembrar das minorias, pessoas que de certa forma foram submetidas a situações de silenciamento e diversas restrições. Nesse sentido, a obra de Djamila Ribeiro (2021) *Cartas para minha avó* vem mostrar situações em que pessoas negras passam no Brasil. Uma narrativa de vivências próprias e de suas ancestrais, representando como a sociedade trata mulheres



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

negras. Buscar a visibilidade e a importância do lugar de fala de mulheres negras e suas escrevivências num espaço de múltiplas culturas, por isso, é preciso mostrar aspectos representativos de pertencimento e riqueza cultural.

Não se pode falar em literatura afro-brasileira sem falar como a África e a sua cultura contribuíram para a formação de novas culturas, uma delas a brasileira: tradições tribais, étnicas e a vasta pluralidade linguística, por exemplo, são elementos presentes na cultura. Mas não se pode esquecer que toda essa riqueza de diversidade tem sido negada pela imposição de uma única cultura, a eurocêntrica. Para Munanga (2012, p. 7):

O ponto de partida do multiculturalismo é a existência, no seio de uma mesma sociedade, mesmo estado, nação, território geográfico etc. de mais uma cultura, uma comunidade (religiosa, linguística, cultural, étnica etc.). Além dessas comunidades que produzem culturas comunitárias, supõe-se a existência de uma única cultura nacional que se sobrepõe às outras.

Percebe-se que há a necessidade de se conhecer a realidade de cada cultura, para ser um agente de transformação e, dessa forma, compreender a partir da premissa de que a história não é natural, ela é uma construção das relações históricas produzidas pelas ações e convivência da humanidade. Portanto, faz-se necessário um enfrentamento a esse racismo sistêmico-estrutural impregnado na sociedade que vem sendo naturalizado, de certa forma, por mais de cinco séculos, e então, mudar essa situação de adversidades, por justiça social. Para tanto, as ações afirmativas devem seguir um caminho seguro, como o apontado por Munanga (2012, p. 10), que pontua que: “O essencial é reencontrar o fio condutor da verdadeira história do Negro que o liga à África sem distorções nem falsificações”.

Desse modo, a narrativa com experiências que demonstram o autoconhecimento e o conhecimento do contexto no qual a protagonista e suas ancestrais estão inseridas. Nesse sentido, as escritas afro-brasileiras são firmadas diante de uma perspectiva interna, íntima, com sua subjetividade e percepção próprias, e isto reflete na criação de personagens que destoam dos conceitos de construção de branquidade, mostrando para o leitor uma verdade mencionada por meio das narrativas que levam o leitor à reflexão.



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

Os escritores afro-brasileiros não pensam as questões raciais de fora ou como um recorte, empregam em seus personagens uma forma para romper com o preconceito existente na produção textual dos escritores brancos. Esses autores trazem para a narrativa da obra temas da própria experiência em lidar com o preconceito e a discriminação racial. Os personagens por eles construídos apontam as consequências de séculos de discriminação e inferiorização.

Para Candido (1995) é necessário que a população tenha acesso à literatura, evidencia isso e destaca que a literatura deveria ser um direito, assim como moradia, educação etc. A este respeito aponta que:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita (Candido, 1995, p. 175).

Candido (1995) defende que a literatura exprime a sociedade. Desse modo, compreende-se que entre os diferentes modos de abordar acerca da sociedade, a arte da escrita ocupa um papel fundamental, uma vez que é na literatura que encontramos as formas e os sentidos que nos permitem conhecer as relações sociais e o desenvolvimento histórico da sociedade. Uma obra literária tem muito a contar além de uma história bem elaborada, pois a partir dela há as possibilidades de se conhecer a engrenagem de suas relações, conhecer o outro e a nós mesmos, meios que colaboram para que a arte precise existir e cumprir sua função de humanizar. O processo de humanização requer muita reflexão.

No que diz respeito à escrita feminina e negra, situações referentes à diáspora da mulher negra ficam mais evidenciadas, visto que amplia o objetivo de contextualizar as conquistas do lugar de fala emancipatória e identitária da mulher negra, ao projetar o caminho de resistência de várias gerações para se chegar a esse lugar, e com o desejo de fortalecer a identidade, a autoestima, os relacionamentos interpessoais de mulheres



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

negras que são frequentemente silenciadas pelo racismo e outros tipos de discriminação ou opressão.

Autoras/es como Conceição Evaristo, Silvio de Almeida, Lélia Gonzalez, Jeferson Tenório, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis e Djamila Ribeiro são exemplos de autores/as que vêm trazendo obras de grande destaque para seu público, justamente por essa característica, representar em suas narrativas por meio dos personagens, situações de impacto a essa geração, expondo a subjetividade, que por muitos escritores não era abordadas até fim do século XIX, ou seja, uma realidade negra contada com protagonistas também negros.

Percebe-se que na escrita de autoria negra, a função humanizadora da literatura está mais evidente, seja por proporcionar essa reflexão pelo leitor ou pela identificação e representação que a narrativa apresenta.

Nesse sentido, os argumentos revelam relações entre literatura, memória e identidade de forma indissociáveis entre si, ou seja, uma se vale da outra para existir. A literatura apoia-se na memória para a construção de narrativas no sentido de buscar fontes que embasam as representações da realidade numa trama ficcional; a memória se vale de obras literárias para sua perpetuação; e a identidade se vale das duas, pois as narrativas oferecem a possibilidade de reorganizar as experiências e de reavaliá-las.

A obra de Djamila Ribeiro tem vários pontos de destaque que provocam o interesse e a curiosidade do leitor, entre eles a narrativa em primeira pessoa, sendo a narradora-personagem a protagonista que inicia com lembranças de sua infância. Uma menina negra, chamada Djamila, que em forma de cartas endereçadas a sua avó, escreve suas lembranças, relatando o grande amor por suas ancestrais femininas e situações vividas por elas, as dificuldades de ser negra e criar os filhos numa sociedade cheia de comportamentos preconceituosos de classe, étnico-raciais e outros e, como tudo isso, mesmo sem perceber na época do acontecido, teria a tornado mais forte para sua caminhada, sendo capaz de enfrentar situações em que estivesse em desacordo, seja nos seus relacionamentos amorosos, ou interpessoais, vida estudantil ou social.



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

Meu pai foi um grande incentivador dos meus estudos, mas era minha mãe quem levava eu e meus irmãos para a escola. Foi ela que nos ensinou a pegar ônibus para que pudéssemos ir às nossas atividades. Foi ela quem lavou e engomou nossos uniformes e penteou nossos cabelos de forma impecável para que fôssemos bem arrumados para a escola. Acima de tudo, foi ela quem me ensinou a enfrentar a vida de cabeça erguida. Porque não basta somente incentivar aos estudos, era preciso ter alguém que também incentivasse a andar com a espinha ereta. O racismo poderia ter feito com que eu desistisse de muitas coisas na minha vida, não foi fácil ser a única aluna negra na escola de inglês, a medalhista no campeonato de xadrez; eu poderia ter o conhecimento, mas não ter a coragem. E sendo mulher negra é preciso ter os dois (Ribeiro, 2021, p. 132-133).

Nesse relato, pode-se perceber que, mesmo com incentivos e apoio dos pais, o racismo esteve presente em sua vida. Há a sensibilidade em relatar o amor e gratidão por sua ancestralidade, ao mesmo tempo que teve que enfrentar o racismo “naturalizado” na sociedade, destacando sua força feminina.

A escrita afro-brasileira na literatura não está ligada exclusivamente à escrita da realidade, mas, sim, ter capacidade de produção de ficção ou não-ficção e buscar na literatura uma forma de ser ouvida, um lugar de fala, por meio das produções diversas, reivindicando seus espaços e visibilidade para suas subjetividades. Todo mundo tem um lugar de fala, e não é individual, só que são lugares diferentes porque estão posicionados socialmente em lugares diferentes.

Para a escritora Gayatri Spivak (2010), a classe subalterna precisa de uma arma fundamental para sua emancipação, que é a voz se referindo à classe das minorias. Essa voz é a sua expressão reivindicatória e uma arma para sua organização enquanto classe, pois, sem voz, não existe uma classe, apenas um aglomerado de seres à margem.

É impossível para os intelectuais franceses contemporâneos imaginar o tipo de Poder e Desejo que habitaria o sujeito inominado do Outro da Europa. Não é apenas o fato de que tudo o que leem — crítico ou não — esteja aprisionado no debate sobre a produção desse Outro, apoiando ou criticando a constituição do Sujeito como sendo a Europa (Spivak, 2010, p. 45-46).

Corroborando com essa perspectiva, em cada parte escrita da obra *Cartas para minha avó*, a autora busca em suas memórias as fases de sua vida, infância, adolescência e também fase adulta. Ao todo são 42 relatos de momentos vividos por Djamilia, escritos numa estrutura que se assemelha à de cartas. Expõe nessa trajetória situações vividas



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

por ela em contato com pessoas da família, em especial a mãe e a avó, relatos que ouvia da mãe quando estava em seu convívio e os seus ensinamentos, uma escrita recheada de sentimentos.

Contudo, o espaço construído pela escrita literária negra feminina oportuniza a exposição de vozes que por muito tempo foram silenciadas e subalternizadas, trazendo narrativas que deixam o leitor entrelaçado e envolvido, sentindo-se representado através do poder de fala que a literatura tem. Essas mulheres vem se assumindo protagonistas, contra estereótipos determinados para o corpo feminino negro, valorizando postura e pensamentos críticos diante da realidade expondo seu ponto de vista sobre a rejeição e a marginalidade instituídas pela literatura oficial hegemônica.

Construção da identidade: da mulher negra ao feminismo negro

Para Hall (2006), a criança forma sua identidade ao longo do tempo por meio de processos inconscientes, o meio em que vive e suas relações interpessoais. A obra *Cartas para minha avó*, de Djamila Ribeiro, traz à memória a construção da identidade da protagonista, que se inicia na infância e sofre influência das referências com as quais ela irá se deparar. Entre essas referências das crianças negras estão presentes o preconceito e a discriminação racial de um país que tem o racismo em suas entranhas, naturalizando esse comportamento, mas que permeiam todo o processo de construção da identidade dos povos afrodescendentes brasileiros. Desse modo, torna-se de extrema importância viabilizar oportunidades significativas para a construção da subjetividade da menina negra, de sua autoestima e de sua formação crítica e reflexiva.

Lá em casa crescemos entendendo que errar era mais um privilégio de brancos. 'Antes eu te bater do que a polícia', era uma frase que minha mãe dizia sempre pra gente. O medo, a violência policial faz com que as mães negras não possam permitir que seus filhos errem – e isso é violento também com elas (Ribeiro, 2021, p. 23).

Esse medo que as mães têm em relação aos filhos são frequentes, porque já viveram experiências ou já ouviram nesse sentido. São meninas, jovens e mulheres que têm um vínculo com a história dos ancestrais. São momentos que expressam a infância, a



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

adolescência e a vida adulta de muitas gerações. Elas são como âncoras que dão apoio à existência do mundo de cada um(a).

A história das mulheres da família de Djamilia, a mãe e a avó, carregam consigo as marcas de um sistema patriarcal e colonial, mas também uma rica tradição cultural em que se misturam as crenças, lendas, religião, ou seja, um mundo de tradições valorosas, norteadas pelo amor e cuidado na criação de seus filhos.

Uma vez minha mãe me disse que saiu de uma escravidão para entrar em outra, referindo-se ao falar de ter deixado o trabalho de empregada doméstica em São Paulo para casar e se tornar dona de casa. Essa frase é de uma profundidade perturbadora. De fato, minha mãe cozinhou, lavou e passou a vida toda. Seus dias eram trabalhar, seja cuidando da casa dos outros, seja cuidando da nossa casa. Depois de casar em vez de cumprir as ordens do patrão, ela precisava realizar os desejos do meu pai. O feijão tinha que ser feito na hora e temperado com linguiça e toucinho, ela não podia fazer grandes quantidades e congelar. O arroz precisava ser bem soltinho e temperado somente com alho, sem cebola. As camisas precisavam estar extremamente bem passadas e alinhadas. Tudo seguia um ritmo calculado e impositivo (Ribeiro, 2021, p. 83-84).

Quando falamos em buscar a identidade negra, é olhar para a ancestralidade, lembrar e manter vivos na memória todos os costumes, sendo ela um caminho de passe livre, que não escraviza, ao contrário, ela alerta e liberta assim como reconstrói e eterniza cultura. Evaristo (2017), com o poema *Vozes-mulheres*, trilha por esse caminho da ancestralidade e se ressignifica. Abre oportunidades para a construção identitária de mulheres que necessitam desse encontro, para que tenham suas vozes ouvidas.

A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio ecoou lamentos de uma infância perdida [...] A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo [...] A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias [...] A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue [...] A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes [...] A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato [...] O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade (Evaristo, 2017, p. 24-25).

Diversas vozes ecoam e representam as gerações que passaram pela escravidão, sendo submetidas aos sofrimentos e mazelas da falta de humanidade que ela provocou. Nessa perspectiva, a obra de Djamilia e o poema se conectam, por passar a mensagem de



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

que a resistência e mesmo a submissão, como estratégia de sobrevivência, foram lutas travadas por uma coletividade de vozes que manteve o sentimento de pertencimento.

Como se eu não soubesse, como se as mulheres da minha família não soubessem, como o fato de vir de uma linguagem de empregadas domésticas não tivesse me ensinado que não podemos fazer o que a gente quer. Minha mãe gostaria de ter sido jogadora de basquete, você, eu não sei, vó, não tive a oportunidade de perguntar, mas eu tenho certeza de que você não gostaria de ter tido sua infância roubada para trabalhar fora. Como se as pessoas negras, historicamente, não soubessem que não é possível fazer o que quer por conta do racismo, que mata não apenas sonhos, mas vidas (Ribeiro, 2021, p. 153).

Nessa conexão com suas ancestrais, Djamila lembra como foi difícil para elas a criação dos filhos sob os olhares das pessoas que não respeitavam a diversidade étnico-racial.

Somos tempos diferentes, vó, e para mim não é aceitável que se bata em crianças – mas eu compreendo vocês duas. Talvez a minha mãe nunca tivesse sido amada sem sentir dor. Sabe, Toni Morrison diz que ‘o amor nunca é melhor do que o amante, que quem é mau ama com maldade e quem é violento ama com violência’. Com isso não quero dizer que vocês eram más e violentas, mas que o sistema as violentou confinou vocês numa situação em que a violência era a única saída. E mesmo assim apesar de toda a maldade que lhe foi infligida vocês amaram (Ribeiro, 2021, p. 40).

A todo instante a mulher negra, mesmo sendo consciente da sua identidade, é provocada e desafiada a pensar maneiras de lutar contra as diversas formas de opressão e silenciamento de raça, na busca de mudança estrutural, na sociedade a favor da sobrevivência, isso desde o período colonial.

Conforme desenvolvido por Ribeiro (2021):

Sabrina podia não entender nada de teorias racistas, mas sabia aproveitar seus privilégios para sempre se colocar a frente e tentar controlar e comandar tudo. Ela era como a líder da turma. Uma vez eu pedi uma canetinha emprestada para uma colega, Ana Carolina, uma garota branca e loira – outra princesa da escola. Antes que ela pudesse responder, Sabrina interveio: ‘Djamila é preta, então empresta só a canetinha preta pra ela’. Ana Carolina hesitou, mas riu, e as outras crianças da sala também. Era sempre assim, elas nunca me defendiam ou recriminavam o que ouviam, era quase intuitivo o desprezo que sentiam (Ribeiro, 2021, p. 27).

Situações, assim, em que mulheres negras estão sujeitas, acontecem com muita frequência, sem distinção de idade, local ou hora. Djamila enfrenta a situação. Cansada



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

daquelas humilhações, a reação foi mesmo que sem pensar falar para Sabrina: “Na hora do recreio eu vou te pegar” (Ribeiro, 2021, p. 27). O que havia dito se tornou uma sentença e ocorreu de fato. Mesmo com medo das advertências porque sabia que as crianças negras que revidavam eram suspensas ou passavam horas na diretoria e sabiam também que, além da advertência da escola, tinham a punição que receberiam em casa. “É a dupla violência: somos violentados pelo racismo e por enfrentá-lo” (Ribeiro, 2021, p. 28).

As circunstâncias, desse modo, levam mulheres negras a uma organização político-social com objetivo de ocupar seu lugar na sociedade, mesmo enfrentando situações negacionistas e que em algum momento da história as tiraram, pois sempre tentam colocá-las numa condição de submissão, objeto ou que estão sob ordens de outro.

Em uma entrevista, Djamila tem a oportunidade de relatar sobre suas obras e fala sobre o feminismo negro e o diferencia do feminismo hegemônico; o empoderamento das mulheres brancas está posicionado em lugares diferentes das mulheres negras, e tudo bem, cada um tem seu lugar de fala. O feminismo negro brasileiro, apesar de trazer uma série de potências literárias, como, por exemplo, Lelia Gonzalez, dizia que é preciso mesmo pensar modelos de alternativas de sociedade. Acabou sendo um movimento muito invisibilizado no Brasil.

O feminismo negro é importante, uma vez que não é um movimento etário, muito mais que isso. São mulheres negras pensando na sociedade, valorizando a interseccionalidade respeitando os espaços ocupados por mulheres. É também combater uma divisão que está posta, ou seja, mulheres negras na base e homens brancos no topo, segundo Djamila em entrevista concedida ao *Nexo Jornal* em 2019.

De acordo com Djamila (2017), para ser feminista é preciso ser antirracista porque pensar em raça, classe e gênero se entrecruza e se combina, gerando diferentes formas de exclusão, portanto, não tem como discutir economia sem discutir racismo, não tem como discutir transporte, habitação sem discutir racismo e sexismo.



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

Nesse sentido, a filósofa Angela Davis em sua obra *Mulheres, raça e classe* (2016) no Brasil, mas publicado em 1981 nos Estados Unidos, durante um período de segregação racial executa uma análise anticapitalista, antirracista e antissexista da opressão a partir do modo como os movimentos sociais se organizam. Expõe diferentes experiências de mulheres negras, como mulheres (gênero), negras (raça) e trabalhadoras (classe), de forma simultâneas e suas relações em busca de liberdade, o entendimento da realidade vivida por elas, bem como as diferentes opressões.

Segundo Djamila Ribeiro declara, em seu primeiro livro publicado, *O que é lugar de fala?* (2017), todo mundo tem um lugar de fala, já que todos os grupos estão localizados socialmente dentro de uma matriz de dominação. Uns estão localizados no lugar de quem se beneficia da opressão, mas precisam entender os processos históricos que geram as desigualdades, para, a partir do seu lugar de fala, se responsabilizar e pensar ações de enfrentamento a essas desigualdades. Costuma ser um lugar social de prática discursiva de acordo com suas experiências sociais específicas e, em geral, relacionadas a algum tipo de opressão ou iniquidade social.

Portanto, é comum que a ideia de “lugar de fala” seja utilizada por minorias, visto que são aqueles que foram silenciados pela estrutura colonial. Djamila (2017) explica que para uma sociedade em que seus costumes foram hierarquizados e estruturados a partir do colonialismo faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes desses grupos sejam tratados de modo inferior, causando o silenciamento.

O negro, que marca o feminismo, é para demonstrar que são mulheres negras que estão pensando na sociedade como um todo, não necessariamente pensar só nas mulheres negras, mas pensar em todas as pessoas que, às vezes, para outros movimentos talvez sejam mais restritos àquele específico público. O feminismo negro, ao pensar em interseccionalidade, evidencia que não somos uma coisa só, nossas identidades se entrecruzam. No caso dos movimentos LGBTQIA+ ressalta-se que, além de ser LGBTQIA+, há mulheres negras e precisam ser antirracistas, e as formas de opressão também acontecem de diferentes formas. O feminismo negro trabalha nesse



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

ponto, esse cruzamento de opressões na sociedade. Se elas são estruturantes e comuns, é preciso pensar formas de combater todas elas.

A interseccionalidade é um conceito utilizado pela primeira vez em 1989 pela professora especialista em estudos de raça e gênero nos Estados Unidos Kimberlé Williams Crenshaw, sobre as violências vividas pelas mulheres de cor.

As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias. As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas interseções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o tráfego que flui através dos cruzamentos (Crenshaw, 2002, p. 177)

Para ela, a interseccionalidade é uma forma de capturar as consequências geradas por duas ou mais formas de opressão, sexismo, patriarcalismo, racismo e etc. fazendo com que a mulher seja exposta a diversas maneiras seja de ofender ou minimizar a condição envolvendo, gênero, raça, classe e características múltipla.

Contemporaneidade: mulheres negras na construção de uma nova utopia

Nas últimas décadas, a escrita de autoria feminina vem ganhando espaço, inspiradas em mulheres que lideram ideologias de proteção aos seus direitos no fim do século XX. O feminismo negro é um dos movimentos sociais que colocam a mulher negra como protagonista em planejar ações que possam resguardar o lugar da mulher na sociedade. De acordo com Ribeiro (2017, p. 9):

Ainda é muito comum se dizer que o feminismo negro traz cisões ou separações, quando é justamente o contrário. Ao nomear as opressões de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões, de não criar, como diz Angela Davis, em *Mulheres negras na construção de uma nova utopia*, 'primazia de uma opressão em relação a outras'. Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm pensando em resistências e reexistências.

Mulheres como Angela Davis, que alcançou notoriedade mundial na década de 1970 e participava dos movimentos políticos e sociais em prol dos direitos das mulheres



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos. Para ela, utopia é quando as pessoas se movem em novas direções e visões para nos inspirar e ir para frente, e tem que ser global. É preciso achar um modo de interligar as lutas e visões e desenvolver novos valores revolucionários.

Toni Morrison (1931-2019) foi a primeira mulher negra a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura em 1993 por trazer em suas obras narrativas que escancaram as cicatrizes deixadas pela escravidão e discriminação racial nos Estados Unidos. Seu primeiro romance foi *O olho mais azul* (1970) e fala sobre uma criança que deseja ser branca de olhos claros, numa forma de criticar os padrões de beleza impostos pelos sucessos de *Hollywood* na década de 1940. Suas obras sempre mantiveram essa linha de crítica social.

Lélia Gonzalez (1935-1994) foi uma escritora brasileira, a décima-sétima de dezoito filhos de uma empregada doméstica de ascendência indígena e de um ferroviário negro, ativista, considerada a primeira mulher negra brasileira a se dedicar aos estudos de raça e gênero no Brasil. Foi uma destas raríssimas mulheres pretas a deixar uma densa obra para o pensamento social brasileiro e um legado para os movimentos sociais, em especial, para o feminismo e para o movimento negro.

Essas três mulheres citadas são exemplos de superação frente às lutas travadas pelas mulheres por meio da literatura. Conquistaram notoriedade numa sociedade discriminatória e elitizada. Mulheres que marcaram sua época por suas dificuldades enfrentadas, envolvendo gênero e raça e atualmente são valorizadas por suas conquistas, trajetórias e suas obras. Conseguiram se fazer ouvir, ao expor como as pessoas negras são tratadas no mundo. Em comum, elas têm: a perseverança e a esperança não só de que as mulheres conquistem seu lugar no mundo, mas também a construção de um mundo melhor para as gerações futuras, em que o preconceito, o racismo e a discriminação de qualquer forma não aconteçam entre as pessoas.

Corroborando com esses ideais atualmente, é possível observar várias mulheres que vêm desenvolvendo suas pesquisas, estudos dedicados ao empoderamento das mulheres negras. É importante ressaltar esses materiais nos mais diversos meios e



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

formas de comunicação para multiplicação da ideologia e que possa desmistificar estereótipos atribuídos à mulher negra no Brasil.

Podemos observar na trajetória dessas mulheres que todas, mesmo marcadas pelo racismo estrutural, não se calaram e enfrentaram os desafios e obstáculos gerados através desse comportamento. Investiram numa carreira acadêmica e científica e com isso se fizeram ouvir.

Djamila, em sua obra, também menciona algumas dessas mulheres e reconhece suas contribuições para a literatura e reflexões acerca do cotidiano da mulher negra brasileira.

Essas mulheres negras tão distantes geograficamente me afagaram em muitas noites de solidão. Quando não estava trabalhando, passava horas lendo. Comecei a escrever na revista da organização, *Eparrei*, e tive a oportunidade de entrevistar diversas lideranças dos movimentos de mulheres negras, com as quais aprendi muito. Participei de eventos importantes como o Seminário Pós-Duban, em 2002, sobre a conferência internacional que aconteceu no ano anterior; e o Seminário Nacional de Educação e Cultura Afro-Brasileira, em 2004. Essas experiências foram fundamentais para me botar no prumo. Para que eu pudesse entender quais seriam meus objetivos de vida, entender que a vida poderia ser mais. Mas, de fato, a literatura escrita por mulheres negras foi um bálsamo e uma dádiva (Ribeiro, 2021, p. 194).

A inspiração da protagonista nas obras de mulheres negras fortaleceu suas ideias, para que se sentisse desafiada a olhar o mundo. Estas obras lhe trouxeram incômodos necessários para que ela pudesse refletir e buscar respostas e formas para encarar os desafios.

Djamila vem se destacando no mundo acadêmico e literário, e mesmo sabendo que houve alguns avanços no combate ao racismo e discriminação racial e gênero, ainda é preciso avançar mais e se apegar às raízes da ancestralidade e se dispor com suas obras, conferências e entrevistas a propagar seus conceitos sobre o lugar da mulher negra na sociedade brasileira e no mundo.

Considerações finais

Nesse artigo, foi possível perceber a importância da literatura e as histórias de mulheres negras se apoiando mutuamente, para desconstruir e problematizar os



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

discursos eurocêntricos. E, assim, apontar para a discussão sobre a necessidade de trabalhar outro olhar sobre o lugar da mulher negra e sua subjetividade.

Nesse sentido, fica claro que é preciso romper com costumes estruturados do colonialismo, também de valorizar culturas afro-brasileiras hierarquizadas pelos ancestrais. Ressaltar trajetórias de mulheres e suas produções literárias e sua importância para destacar a mulher negra como protagonista da sua história. Perceber como a literatura escrita por mulheres negras pode transformar sua história e ressignificar sua importância, explorando suas subjetividades advindas de um lugar subalternizado na sociedade por um grande período da humanidade e que avanços estão acontecendo para que essa valorização e espaço sejam atribuídos à mulher negra.

Porém, mais de cem anos após o fim da escravidão, a população negra brasileira ainda sofre com a falta de políticas públicas e com a desigualdade social e econômica em relação aos brancos, o que mostra que, ainda que tenha havido avanços em alguns setores, a sociedade brasileira continua a preservar valores e costumes ultrapassados, que se manifestam em atos racistas e preconceituosos, que constroem, humilham e diminuem o negro em relação a seu semelhante, principalmente, a mulher negra.

Assim como é fundamental para que ocorram mudanças, mesmo com o surgimento de algumas políticas públicas nos últimos anos, é possível observar cada vez mais pessoas engajadas para que sejam cumpridas as leis constitucionais que garantem os direitos às diferenças. Portanto, há muito para progredir a fim de garantir o direito da mulher negra, de se fazer ouvir e conquistar seu espaço para expor suas angústias, conquistas, trajetórias, desejos, sonhos, perspectivas, ou seja, contribuindo cada vez mais para a erradicação do racismo e de qualquer discriminação, seja ela racial, de gênero ou de classe.

É a partir desse contexto que a resistência negra brasileira luta pela implementação de políticas que promovam o respeito e o reconhecimento de suas histórias para desconstruir dia a dia a história de dominação e opressão das culturas de origem africana. É importante observar, o quanto mulheres negras vêm ganhando



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

destaque no mundo literário, e que em suas escritas abordam comportamentos de discriminação e racismo e como acreditam que isso pode sim mudar futuramente.

Observa-se que nessa trajetória, forma-se uma corrente de apoio, mulheres que têm histórias escritas e ideologias escrituradas estimulam outras mulheres negras a fazer questionamentos as suas angústias vividas, a refletir sobre temas que as afligem e assim fortalecer o movimento feminino negro no Brasil. Foi possível constatar nas leituras que há vários movimentos sociais de pertencimento, mas que cada um carrega uma bandeira principal de luta, e o movimento feminista negro se encarrega de unir vários deles, sendo de grupos envolvendo questões sociais como gênero, classe, racial e outros.

Portanto, o romance retrata as relações interpessoais e a coragem da protagonista/autora, o que contribui para o fortalecimento da identidade cultural das personagens principais, sendo elas mulheres negras e oriundas de uma linhagem de empregada doméstica. Djamila em diversos momentos atribui todo seu sucesso profissional a todos os ensinamentos deixados pelas suas referências femininas da ancestralidade, mãe e avó e demonstrando a sua filha todo esse ensinamento, buscando em autoras femininas e negras, o fortalecimento de suas ideias, ajudando mulheres negras a encontrarem seus objetivos de vida e fazer garantir seu direito de ser, estar e falar.

Foi possível perceber, no decorrer da leitura da obra de Djamila, uma subjetividade marcada pelo feminismo negro, mesmo antes dela entender que faria parte desse movimento social. Quando criança, fora sujeitada a situações de discriminação e racismo. Sua reação sempre foi defender e tentar buscar soluções, tentando entender suas ancestrais. E justamente por assumirem uma posição de combate às adversidades que encontram pela frente, uma firmeza no propósito de conquistar os seus lugares de direito.

A busca pelo suporte acadêmico que Djamila expõe em sua obra, ao narrar sua trajetória, faz com que suas ideologias ganhem destaque e cada vez mais conquistem



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

seus objetivos. Característica essa que também se percebe na trajetória de outras autoras mencionadas ao longo deste trabalho.

Entendemos que esse é o caminho, buscar nas instituições responsáveis por propagar informações e educação para que providências sejam tomadas toda vez que uma mulher negra seja submetida a situações de racismo e discriminação de qualquer natureza, trazendo o empoderamento da mulher negra, na luta por protagonizar sua própria história, ser responsável pelas suas conquistas e ser valorizada pela sociedade. Sendo assim, o feminismo negro, apresentado na obra da autora como uma forma de combate às desigualdades e diversas formas de discriminação, mostra o empoderamento e a capacidade da mulher negra em fazer valer o direito atribuído à mulher negra nas constituições vigentes, mas que também busque mais participação na mulher nas decisões importantes da sociedade.

Referências

Almeida, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

Candido, Antônio. **Vários escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 1995.

Crenshaw, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, n. 01, 2002.

Davis, Angela. **A liberdade é uma luta constante.** São Paulo: Boi Tempo, 2018.

Davis, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016

Evaristo, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

Gonzales, Lélia. **Primavera para as rosas negras.** São Paulo: UCPA, 1982.

Hall, Stuart. **Da diáspora identidades e mediações culturais.** Trad. de Adelaine La Guardia Resende e outros. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

Munanga, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, 2012.



Cartas para minha avó: feminismo negro e racismo estrutural numa narrativa de resistência e superação da mulher negra brasileira

Elizangela Aparecida de Oliveira

Ribeiro, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Ribeiro, Djamila. **Cartas para minha avó.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Spivak, Gayatri Chakravorti. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Youtube. Djamila Ribeiro. **O feminismo negro** - Entrevista. [Nexo Jornal](#), 2019.